

miriamleitao@oglobo.com.br

MÍRIAM
LEITÃO

Pelo inesperado

“Fazer previsões num ambiente acadêmico é falta grave. Todo economista bem formado sabe que o futuro é imprevisível”, essa é a primeira afirmação perturbadora no livro de André Lara Resende “Os Limites do Possível”. Mas não é a única. Outras frases inesperadas saíram no debate em que ele lançou o livro, como a sua pergunta à plateia: “Por que mesmo o Japão precisa crescer?”

Por isso, o livro que André acaba de lançar pela Portfolio Penguin é leitura das mais interessantes. Ele diz que os políticos, empresários e jornalistas esperam dos economistas é que prevejam o futuro, mas eles podem falar apenas das probabilidades. No livro, ele mostra de forma lúcida várias das tendências do mundo atual. André é um economista capaz de escrever frases ou fazer afirmações que não são previsíveis em um economista, como a que disse no debate: “o mal é o egocentrismo, amadurecer é deixar de ser egocêntrico.” E assim ele nos convida no livro a olhar o mundo como um todo. “Quase todas as questões do nosso tempo exigem um tratamento supranacional.”

Num mundo ainda cheio de paixões nacionais, em que a única experiência de derrubada de fronteiras — monetária, que seja, como a União Europeia — está em crise, essa é outra afirmação perturbadora. Mas verdadeira. A questão climática, por exemplo, é supranacional. E ela entrou definitivamente no escopo do pensamento do economista André Lara Resende. “O risco de atingir os limites físicos do planeta é tão perigoso que ninguém quer correr.”

Muita gente quer, na verdade, ou, pior, sequer admite a existência desse problema. Infelizmente, são raros os economistas que, como André, têm a certeza de que estamos diante da perspectiva concreta de bater os limites físicos do planeta e que isso é o maior risco que a humanidade corre neste século.

No debate no Inesper, com Eduardo Giannetti da Fonseca e Pedro Malan, uma instigante questão do livro foi analisada, a de que não se pode imaginar que a economia mundial vai continuar crescendo indefinidamente. O problema é que neste momento o que aflige o mundo é o contrário: é o baixo crescimento mundial, desde a crise de 2008.

Sobre a crise é que ele fala, na apresentação do livro, que “fazer previsões no mundo acadêmico é falta grave, porque o futuro é imprevisível”. É quando conta que o professor de economia e consultor Nouriel Roubini, em 2006, num debate na Casa das Garças, fez uma ousada previsão: “o sistema financeiro internacional americano entraria em colapso e levaria a economia a uma recessão que atingiria toda a economia mundial.”

Roubini recebeu o descrédito aqui, como em outros ambientes, mas estava certo, como se sabe, só que achava que aconteceria no começo de 2007. A crise ficou conhecida como de 2008, mas os primeiros sinais de que havia uma bolha especulativa na economia americana, e que estouraria, levaria o país à recessão e o mundo a reboque, ocorreram em 2007.

André disse no debate — e sustenta no livro — que a crise ainda está em curso e não é apenas mais uma; é a pior desde 1929. “Os custos da depressão foram evitados porque eram graves demais, mas como sair da estagnação após evitar a depressão?”

Ele acha que a economia mundial anda cometendo erros demais ao responder a essa questão e volta à tese de que o crescimento em alguns países nem é um desejo lógico. O Japão começará agora um experimento de mais expansão monetária, que ele acha desnecessário e até perigoso:

— O Japão cresceu muito e está há 17 anos num período de saturação do crescimento, mas a população está diminuindo, é uma sociedade que atingiu um alto grau de progresso tecnológico e social. Não há muitas razões para crescer.

Ele acha que fazer tudo para crescer, com tantos incentivos à demanda, pode acabar criando mais distorções.

O livro de André tem como subtítulo “A economia além da conjuntura”. E, de fato, na sua coletânea de artigos publicados em jornais e revistas, textos acadêmicos, ou o que leu ao receber o título de Economista do Ano de 2006, ele levanta questões que estão além do debate limitado da conjuntura. O que não é verdade é a ideia que ele chegou a ter de si, em determinado momento, de ser um ex-economista. André Lara Resende é um economista que vai além dos limites nos quais tantos se confinaram. ●

COM ALVARO GRIBEL (DE SÃO PAULO)
oglobo.com.br/economia/miriamleitao

BNDES não cumpre exigência ambiental no crédito a Belo Monte

Contrato prevê suspensão de desembolso em caso de irregularidades

DANIELO FARIELLO
danielo.fariello@bsb.oglobo.com.br

-BRASÍLIA- Financiada pelo BNDES, a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, tem recebido tratamento privilegiado do banco. Embora o contrato determine a suspensão dos desembolsos em caso de descumprimento das exigências ambientais ou atrasos na adoção de medidas para minimizar o impacto da obra no meio ambiente, na prática, essa determinação não está sendo seguida. Mesmo descumprindo exigências ambientais, o que já resultou na aplicação de multa pelo Ibama, a obra segue recebendo regularmente os recursos do financiamento de R\$ 22,4 bilhões, o maior crédito da história do banco.

O GLOBO teve acesso ao contrato de financiamento principal assinado em 18 de dezembro entre BNDES e a Norte Energia, empresa responsável pela construção da gigantesca hidrelétrica no Pará, com orçamento de R\$ 25,9 bilhões. A liberação de recursos exige a regularidade ambiental do empreendimento e “cumprimento tempestivo (dentro do prazo previsto) das condicionantes”, conforme escrito na letra C, inciso III da cláusula 20ª. As condicionantes são as exigências ambientais.

Enquanto a construção segue com condicionantes em atraso, 24 ações estão na Justiça tentando, em sua maioria, suspender a licença ambiental dessa obra, que é a mais polêmica do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e deve balizar a relação de outros grandes empreendedores da infraestrutura com o meio ambiente no futuro.

No mês passado, o Ministério Público Federal (MPF) no Pará entrou na Justiça para suspender a licença e cobrar o cumprimento de condicionantes pela Norte Energia, entre as quais destacam-se as instalações de saneamento básico, que já deveriam ter sido feitas na região do Xingu, conforme o cronograma oficial.

BNDES VÊ ‘SITUAÇÃO DE REGULARIDADE’

Entidades não governamentais também têm reclamado do atraso no cumprimento de condicionantes. No mês passado, o Instituto Socioambiental (ISA) denunciou que, concluídos 30% do empreendimento e 16 meses após o início, não havia, até o dia 8 de abril, obras significativas e com impacto na vida dos cidadãos afetados da região.

— Não vai dar tempo para cumprir tudo (as condicionantes) até fechar a barragem, em dezembro de 2014. Será que vão fazer depois de tudo pronto? — pergunta Biviany Rojas, advogada do ISA.

Perguntada sobre aspectos específicos do cumprimento das condicionantes, a Norte Energia limitou-se a responder ao GLOBO “que as ações previstas no Projeto Básico Ambiental (PBA) estão sendo cumpridas, estando já contratadas ou em fase de contratação.” A empresa informou, ainda, que foi investido até o momento nessas atividades cerca de R\$ 1 bilhão. Segundo o BNDES, apenas os investimentos em ações socioambientais financiados pelo banco para os arredores de Belo Monte somam R\$ 3,2 bilhões.

No primeiro relatório de andamento do Projeto



Invasão. Indígenas ocupam canteiro da usina, na quinta-feira. ONGs veem pouca compensação

“Cada dia que Belo Monte para por conta de ocupações, há um impacto financeiro, mas não se sabe qual é esse impacto”

Brent Millikian

Diretor do Programa Amazônia da ONG International Rivers

Básico Ambiental enviado pela Norte Energia, em fevereiro do ano passado, houve cobrança de multa de R\$ 7 milhões pelo Ibama pelo descumprimento de condicionantes (a multa máxima era de R\$ 10 milhões). Em janeiro deste ano, segundo o ISA, a Norte Energia tinha cumprido apenas 19% das condicionantes, mas não houve nova multa.

Segundo Brent Millikian, diretor do Programa Amazônia da ONG International Rivers, com sede nos EUA, falta transparência no modo como o BNDES faz as análises de risco sobre o projeto.

— Cada dia que Belo Monte para por conta de ocupações, há um impacto financeiro, mas não se sabe qual é esse impacto — disse Millikian, lembrando que, na quinta-feira, parte da obra voltou a ser invadida por grupos indígenas.

O BNDES reconhece que “podem ocorrer eventuais atrasos na execução das ações previstas, por conta de condicionantes”, mas informa que, com base nas informações recebidas da Norte Energia, “não se caracterizou a descontinuidade da situação de regularidade do projeto perante os órgãos ambientais”. E destaca, ainda, “que as licenças ambientais emitidas continuam válidas”.

O risco de o próprio BNDES ser responsabilizado por eventuais danos socioambientais provocados pela obra é real. A cláusula 13ª diz que a Norte Energia deverá “ressarcir o BNDES, seus diretores, administradores, empregados, assessores e controladas de qualquer quantia que estes sejam compelidos a pagar por conta de dano socioambiental que, de qualquer forma, a autoridade entenda estar relacionado ao projeto”. ●

Para governo, contrato mostra compromisso socioambiental

Modelo que prevê auditoria poderá ser adotado pelo BNDES em outros projetos

-BRASÍLIA- Para o governo, nunca houve em um financiamento do BNDES preocupação tão relevante com os impactos socioambientais de uma obra como em Belo Monte. Um dos argumentos para sustentar essa conclusão é que o banco incluiu no contrato de empréstimo exigência inédita de contratação, pelo tomador, de uma empresa de auditoria socioambiental independente para avaliar o ritmo de cumprimento das condicionantes. Além disso, o valor recorde aprovado pelo banco para financiar iniciativas socioambientais, de R\$ 3,2 bilhões, equivale a 11,2% do total de recursos emprestados.

O banco informa ainda que, para cada um dos impactos identificados nos estudos ambientais, foram propostas medidas de controle, acompanhamento, mitigação ou compensação. E

destaca os recursos destinados a 11 municípios do Xingu, como os R\$ 500 milhões que a Norte Energia usará para a criação de um programa de desenvolvimento que objetiva melhorar a qualidade de vida da população nas áreas de influência direta e indireta da hidrelétrica.

Belo Monte tem sido financiada pelo BNDES pelo modelo *project finance*, em que, num primeiro momento, os principais riscos são cobertos por garantias dos acionistas do projeto e, com o tempo, a obra em si torna-se a principal garantia para os empréstimos. O modelo deverá ser adotado também no projeto do Trem de Alta Velocidade (TAV) e nas concessões de ferrovias e rodovias anunciadas pelo governo no fim do ano passado.

O BNDES informou que, no futuro, poderá adotar novamente a auditoria ambiental independente experimentada em Belo Monte em outros projetos. Tanto a Norte Energia quanto o BNDES se negaram a dizer qual a empresa contratada para executar essa auditoria. (Danilo Fariello) ●

DÉBITOS TRIBUTÁRIOS
DEFESA DE AUTUAÇÕES. RIO (21) 2217-0600
PARCELAMENTOS
REFIS, PAES e PAEX
EXECUÇÕES FISCAIS.
www.fradema.com.br

17º CONAREM
O Maior Congresso de Remuneração da América do Sul.
15, 16 e 17 de Maio de 2013
Rio de Janeiro - RJ

Se você não vai ao WORLDATWORK, na Filadélfia - EUA e nem à Dubai, participe deste evento.

- ➔ GESTÃO DE CARREIRA
- ➔ REMUNERAÇÃO VARIÁVEL
- ➔ LEGISLAÇÃO TRABALHISTA
- ➔ MOBILIDADE INTERNACIONAL
- ➔ REMUNERAÇÃO COMPETÊNCIA
- ➔ REMUNERAÇÃO EXECUTIVA - LP
- ➔ INDICADORES DA REMUN. DIRETA E INDIRETA
- ➔ PLR - PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS OU RESULTADOS

ÚLTIMAS VAGAS. GARANTA JÁ A SUA!

Programação completa e inscrições: WWW.GRUPISA.COM.BR

Patrocínio Bronze: SIMETRIA, peopleup, RfMED, RH PLUS, Icatu SEGUROS

Patrocínio Prata: HayGroup

Patrocínio Diamante: BR PETROBRAS, GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Hoje na web
oglobo.com.br/economia

● **EMPREGADAS:** Ferramenta no ambiente especial do GLOBO

ajuda a calcular gastos com as novas regras para a categoria

● **BOA CHANCE:** Profissionais brasileiros sacrificam o sono para cumprir compromissos e prejudicam produtividade